

OPINIÃO

ENTRELINHAS

CEI DA SUCATA

Foi tenso o depoimento da presidente da Emdurb, Gislaine Magrini, nesta sexta-feira (9), à Comissão Especial de Inquérito (CEI) da Câmara Municipal que investiga denúncias de venda irregular de materiais inservíveis (telhado do Terminal Rodoviário danificado por vendaval).

FORMA IRREGULAR

A oitava de Magrini foi marcada por claras evidências em suas respostas de que houve falhas sérias nos procedimentos administrativos para tal ato e ainda deixou muitas dúvidas no ar, que serão dirimidas com os próximos depoimentos e recebimento de documentos pelo colegiado.

SEM PROCESSO

Confusa em alguns momentos e lacônica em outros, Magrini admitiu haver falhas no encaminhamento e conclusão da negociação das telhas, principalmente porque o ato não teria obedecido aos devidos procedimentos formais e documentais em relação à correta e legal destinação dos bens públicos. “Não existiu processo administrativo”, afirmou Gislaine, que constatou somente depois que o rito burocrático regularmente estipulado não foi seguido.

ÂNIMOS EXALTADOS

A reunião presidida pelo vereador Marcelo Afonso (PSD) registrou de tudo um pouco e, para variar, momentos de discussão mais acalorada, notadamente entre Sandro Bussola (MDB), líder do governo e relator da CEI, e Estela Almagro (PT), vereadora de oposição ao governo municipal de Suellen Rosim (PSD). O representante da OAB, José Clemente Rezende, também acabou envolvido no momento de temperatura mais elevada. Leia com mais detalhes na página 7.

DILEMA NOS BASTIDORES

Nos bastidores, o maior dilema dos articuladores governistas, além de tentar manter o andamento da CEI sob seu controle, é o destino da presidente da Emdurb, Gislaine Magrini, ou seja, fazer com que ela não tenha de ser sacrificada (leia-se demitida) pelo imbróglio criado, caso se confirmem as irregularidades no encaminhamento da venda das telhas. Gislaine é muito próxima e respeitada pelo comando do governo municipal.

CAFÉ COM TROSTER

O Café com Política desta sexta, veiculado no JCNET, na 96FM e nas redes sociais dos dois veículos, teve a presença ilustre e importante do renomado economista Roberto Luis Troster. Em diálogo com Reinaldo Caffo, Ricardo Bizarra e João Jabbour, ele analisa a crise da Venezuela e a nova ordem mundial a partir das incursões de Trump. Vale muito ver e ouvir suas opiniões, que podem ser acessadas no JCNET, na aba Cidade 360, que fica no alto da página.



Estratégias de governo para tranquilizar Trump

ZARCILLO BARBOSA

O perfil da Casa Branca publicou uma foto em preto e branco do presidente Donald Trump triunfante com o acrônimo FAFO que, no linguajar do baixo Bronx sintetiza a frase: Fuck Around and Find Out. Numa tradução livre e mais educada, seria o nosso Vacilou, Perdeu. Ou, Quem Mexe com Fogo acaba Tostado.

Ironizava o presidente venezuelano Nicolás Maduro, abduzido pela tropa de elite norte-americana, acusado de chefiar o narcoterrorismo. Perante a Corte de Nova York, onde Maduro foi apresentado, essa queixa já foi retirada e não se sabe qual a substituirá. A de fraudar eleições não pode ser porque Trump apoiou a vice-presidente Delcy Rodriguez, marxista desde o seu pai e que prega a continuidade do “regime bolivariano”. O povo venezuelano livrou-se de Maduro, mas não da ditadura.

Simón Bolívar passou a ser venerado pelo marxismo venezuelano, depois que Hugo Chávez começou a citá-lo em seus discursos, como o grande inspirador do socialismo. Foi a primeira vez que uma figura histórica, depois de 200 anos, passou da direita para a esquerda. O próprio Karl Marx chamou Bolívar de “canalha”, por defender o absolutismo monárquico nos territórios que ele ajudara a libertar do rei espanhol. Foi latifundiário e senhor de escravos. Seu maior medo era que negros,

índios e mestiços tomassem o governo e instalassem uma “pardocracia”. Benito Mussolini, o criador do fascismo, elegeu Bolívar à condição de herói e ele mesmo se julgava uma reencarnação do caudilho.

Bolívar sonhava ser coroado o Rei da América Latina. Morreu antes. Dois séculos depois, talvez Trump realize este sonho. Como corsário do século 21 assalta petroleiros no Mar do Caribe, para ficar com o butim. As ditaduras poderão sobreviver, uma vez alinhadas com os interesses dos EUA. Trump trabalha com déspotas sauditas, com a Junta Militar egípcia e com oligarcas reais dos Emirados Árabes.

A doutrina do presidente James Monroe, de 1823, pregava uma “América para os Americanos”. Uma forma de impedir que os países europeus instalassem colônias no Hemisfério. Como corolário, Theodor Roosevelt, no início do século 20 aperfeiçoou a cartilha com a política do “Big Stick” - “Fale manso e carregue um grande porrete”. Diplomacia amigável com a ameaça implícita de uso da força militar para garantir os interesses americanos.

Agora, por suas próprias palavras, Donald lançou a Doutrina “Donroe”. O Hemisfério é dele, o controle do fluxo de pessoas, das drogas e dos ativos estratégicos ficam sob vigilância dos EUA. As petrolíferas norte-americanas cuidam de explorar as reservas de óleo e gás. A democracia fica para depois, quando estiver

tudo organizado. A doutrina trumpista vai precisar da Groenlândia, por questões de segurança. Simples assim, como se fosse a uma compra em supermercado. Ou adquira o território, que é da Dinamarca há 200 anos, ou irá ocupá-lo com o uso da força. Para assegurar a esfera de influência norte-americana no hemisfério, Trump também vai precisar enquadrar a Colômbia, o México e Cuba. Kennedy tentou derrubar o regime dos irmãos Castro, em 1960, mas deu mole. Da próxima vez será diferente, com Trump mais forte, mais tirânico, mais armado e mais desavergonhado.

E o Brasil, como fica? O grande desafio de quem ganhar a eleição presidencial será o de amansar a fera, de tal maneira que não leve uma patada da besta. Vejo três estratégias para o governante brasileiro. Primeira: enfrentar a potência, como um chefe de Estado destemido, tipo macho-man e seja o que Deus quiser. Segunda: submeter-se – entrega o pré-sal, a soja, a carne, o café e o que ele quiser mais, em troca de proteção. Terceira: autonomia light com colaboração negociada via diplomacia pragmática. Algo parecido com o estilo Zé Carioca, no desenho de Walt Disney, também com o Pato Donald de temperamento explosivo e impaciente – Nosso herói perde as penas, mas não perde a dignidade.

● O autor é jornalista

Psicologia e Direito como disciplinas obrigatórias no Ensino Médio: reforço para Filosofia e Sociologia

WELLINGTON ANSELMO MARTINS

O Ensino Médio ainda não garante de modo qualificado a formação do sujeito e do cidadão. Psicologia e Direito, assim como Filosofia e Sociologia, são ciências irmãs: enquanto estas últimas refletem criticamente sobre o mundo e a sociedade, aquelas permitem, de modo ainda mais aplicado, compreender a mente e a lei que estruturam a vida concreta. Separadas, empobrecem; juntas, completam-se de modo interdisciplinar.

O resultado atual, da fragilização de Filosofia e Sociologia e a inexistência de Psicologia e Direito na escola básica, é uma juventude ainda pouco informada, pouco crítica/autocrítica, psicologicamente vulnerável e juridicamente desorientada. A Psicologia (especialmente a psicoeducação) não é exclusi-

vamente clínica, mas formativa. Em autores consagrados como Aaron Beck (EUA, 1921-2021), aprender a identificar pensamentos automáticos, distorções cognitivas e crenças disfuncionais significa desenvolver autocrítica, autoconsciência e autorregulação emocional, é “tornar-se psicólogo de si mesmo”. Ensinar Psicologia no Ensino Médio é oferecer aos jovens métodos para compreender a si próprio e lidar racionalmente com emoções e conflitos. Isso dialoga intimamente com a Filosofia: completa, de modo aplicado, a Filosofia.

O Direito (especialmente o direito constitucional e os direitos humanos) é condição mínima da cidadania. Jovens infelizmente ainda concluem a escola sem conhecer seus próprios direitos e deveres, o funcionamento do seu Estado, as possibilidades e limites do poder. Para teóricos como Jürgen Habermas (Alemanha, 1929), essa ignorância acerca das

normas dificulta a liberdade real das pessoas. Educação jurídica básica não forma advogados, mas cidadãos capazes de reconhecer melhor a justiça e a injustiça, resistir ao autoritarismo e participar da vida democrática com mais consciência social e institucional. Isso fala diretamente com a Sociologia, torna a Sociologia mais visível aos alunos.

Psicologia e Direito, ao lado das outras disciplinas, formam um núcleo mínimo da educação integral. Uma ensina a compreender a si; outra, a compreender a lei. Torná-las obrigatórias no Ensino Médio, para aprofundar ainda mais o ensino de Filosofia e Sociologia, é fortalecer a autonomia do aluno, prevenir sofrimento psíquico e qualificar a democracia e convivência humana para todos.

● O autor é doutorando em Educação para a Ciência (Unesp)